

[DRAMATURGIA]

UM DOIS
TEXTOS
TEATRAIS

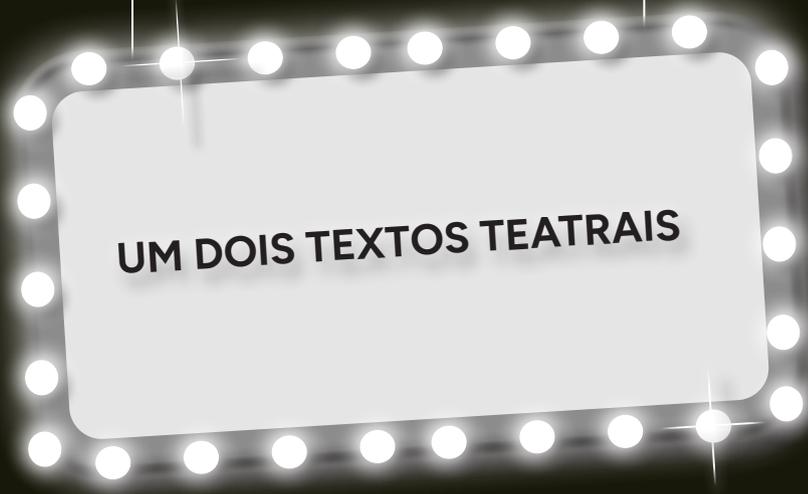
Leandro Borgonha

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

Anadara
brasileira

edições

A glowing sign with a border of white lights, hanging from two thin white lines. The sign is white with rounded corners and contains the text "UM DOIS TEXTOS TEATRAIS" in bold, black, uppercase letters. The background is black.

UM DOIS TEXTOS TEATRAIS

ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES

1ª Edição – Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Borgonha, Leandro
Um dois textos teatrais / Leandro Borgonha. --
Curitiba, PR : Anadara brasileira Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-24-5

1. Dramaturgia 2. Teatro brasileiro I. Título.

24-226399

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:

Anadara brasileira Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:

Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Aglaé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:

Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:

Ivana Cassuli

UM DOIS TEXTOS TEATRAIS

Leandro Borgonha

Anadara
brasiliiana



edições

Curitiba, 2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
UM HERÓI DE QUEBRA-CABEÇA	9
<i>PERSONAGENS</i>	<i>11</i>
<i>ELENCO</i>	<i>11</i>
CENA 1.....	12
CENA 2.....	14
CENA 3.....	15
CENA 4.....	16
CENA 5.....	17
CENA 6.....	18
CENA 7.....	19
CENA 8.....	21
CENA 9.....	23
CENA 10.....	25
CENA 11.....	26
CENA 12	28
CENA 13	29
CENA 14.....	30
CENA 15	31
CENA 16.....	32
CENA 17	34
UMA BRUXA, DOIS CONTOS, TRÊS VEZES E O	
DIABO A QUATRO	37
<i>PERSONAGENS.....</i>	<i>39</i>
<i>ELENCO</i>	<i>39</i>
CENA 1.....	40
CENA 2.....	41

CENA 3	42
CENA 4	44
CENA 5	45
CENA 6	47
CENA 7	48
CENA 8	49
CENA 9	50
CENA 10	51
CENA 11	52
CENA 12	53
CENA 13	54
CENA 14	55
CENA 15	57
CENA 16	60
CENA 17	61
CENA 18	64
CENA 19	66
CENA 20	69
CENA 21	70
CENA 22	71
CENA 23	73
CENA 24	74
CENA 25	77
CENA 26	80
CENA 27	81
CENA 28	82
CENA 29	84
CENA 30	85
SOBRE O AUTOR.....	87

APRESENTAÇÃO

Os textos a seguir são um exercício cênico – não apenas dramatúrgico – sobre alguns limites estabelecidos preconceituosamente pelo senso-comum que nos amarram a um formato imediatamente reconhecível como “teatro infantil”.

Partem do fascínio pelos Contos de Fadas e Fábulas, e o quanto seus elementos constitutivos são dissecados pelo trabalho do mitólogo Joseph Campbell, vírgula em paralelo às teorias de Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo. Buscam uma aleatoriedade na qual cada fase da jornada do herói mítico seja questionada dentro dos limites e variáveis de um jogo narrativo.

Os personagens são colocados perante escolhas elementares e postos à prova em percursos cheios de obstáculos, para depois poderem se apossar do seu tesouro, e guardar para si a experiência adquirida: seja a conquista de um amor, a liberdade de viver ou uma história para contar.

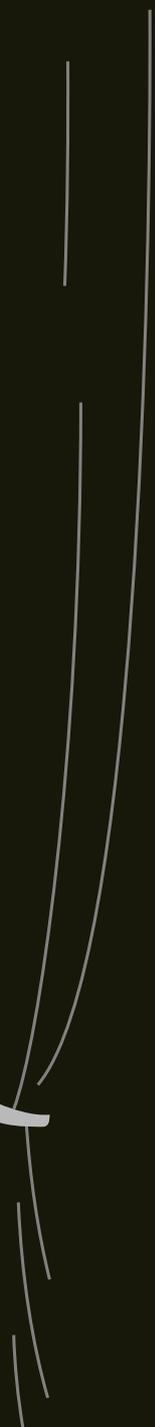
Contar.

Como diretor de teatro, minha escrita não é distinta de minha visão cênica: verão que nos textos existem recursos, para além das



rubricas – como o uso, em certos momentos, de CAIXA ALTA – com a intenção de pontuar a leitura e, quem sabe, inspirar seu intérprete em cena.

Há vários autores que abdicam desses expedientes e assim, obtêm um caráter mais asseado de sua escrita – mesmo que voltada à cena; com as limitações de um mero aprendiz dessa arte, pontuei os textos com variadas observações que, se conseguirem inspirar seus leitores, as considerarei como VÁLIDAS, já que assim se aproximam mais de minha VISÃO como autor.



**UM HERÓI
DE QUEBRA-CABEÇA**





Personagens

Narrador

Princesa

Mulher

Rainha

Irmão Mais Velho

Irmão Mais Novo – Príncipe Cinco Armas

Velhinho

Mulher do Velhinho / Velha* (*boneco*)

Ogro* (*máscara e boneco*)

Esposa do Ogro* (*boneco*)

Sapo* (*máscara e boneco*)

Junco*, Salmão*, Lebre*, Raposa*, Lontra*, Pássaro*, Águia*,
Galinha* (*bonecos*)

Elenco

4 Atores (atriz mirim, ator mirim, atriz adulta e ator adulto); e um **Narrador** – *uma espécie de bardo mendicante que, antes de começar a peça, deve ser visto com uma pilha de livros a errar nas proximidades do teatro.*

À medida que se inicia a narração, a mesma é ilustrada pelos atores e por bonecos. Todos os seres não humanos são interpretados por bonecos. O cenário, simbólico e estilizado, é composto por uma cama/túmulo no centro do palco, em segundo plano, e também por uma imensa Floresta em um plano inclinado que cobre todo o fundo do palco, onde já se encontram, camuflados e em zonas de sombra, todos os elementos de cenografia (poço, trono, uma pequena montanha, miniaturas da casa e do castelo) e de caracterização dos personagens.

CENA 1

Narrador / Atriz mirim / Ator mirim / Atriz adulta / Ator adulto

Vindo da plateia, sobe ao palco o Narrador. Cada vez que aparece em cena, vai aos poucos se caracterizando como bufão. E à medida que narra, os objetos, bem como a paisagem, vão se iluminando, dando a sensação de que passam a existir a partir do momento em que ele, o narrador, os nomeia. Está em cena a atriz mirim caracterizada como Princesa. Absolutamente imóvel, coberta por um manto e adormecida, causa a impressão de que não está viva.

NARRADOR (acende sua lamparina, e “procura” o texto)
– No início ERA O VERBO... No início era uma vez... ERA UMA VEZ, hum, hã, sim... vejamos... bem, é isso... sim... vai servir. Era uma vez, quando o desejo AINDA era capaz de levar a ALGUMA coisa, um rei cujas filhas eram belas. Contudo, sua filha mais jovem era TÃO bela, que o próprio sol, que já havia visto TANTAS coisas, simplesmente se MARAVILHAVA cada vez que lhe banhava o rosto. Ora, havia nas proximidades do castelo desse rei uma IMENSA floresta sombria; nessa floresta, um lago. No meio do lago, uma ilha. Nessa ilha, uma igreja. E dentro dessa igreja, um poço. E TODOS os dias a filha do rei ia à floresta e FICAVA sentada, à beira do frio poço. E, para PASSAR o tempo, ela pegava uma bola dourada, atirava-a para CIMA e a pegava NOVAMENTE. (O Narrador tira a bola dourada do bolso e fica um bom tempo a brincar. A bola cai de suas mãos, toca o chão e rola diretamente para dentro do poço. A Princesa por um instante corre atrás da bola, mas esta desaparece no fundo do palco; e então a Princesa começa a chorar).

SAPO – *(boneco manipulado pelo ator mirim, surge do fundo do poço)* O que foi, Princesa? Está chorando tanto que até uma pedra sentiria pena de você, obviamente.

PRINCESA – Oh! É você, velho Morador da Água. Estou chorando por causa da minha bola dourada, que caiu na fonte.

SAPO – Calma, não chore. Eu posso te ajudar. Mas... o que me daria em troca se eu, seu brinquedo recuperar certamente?

PRINCESA – O que você quiser, caro Sapo... minhas roupas, minhas pérolas e joias e até a coroa de ouro que uso.

SAPO – Tuas roupas, tuas pérolas e joias e tua coroa de ouro eu não quero; mas se cuidar de mim e me fizer companhia e se eu for teu companheiro de brincadeiras; se me deixar sentar ao teu lado em tua pequena mesa, comer de teu pequeno prato, beber de tua pequena xícara, dormir em tua pequena cama; se me prometer isso, mergulharei e trarei a tua bola dourada imediatamente.

PRINCESA – Está certo. Prometo o que você quiser, desde que você me traga a bola de volta. *(O Sapo mergulha. E a Princesa se dirige ao público:)* Como é tagarela esse simples Sapo! Aí está ele na água, com os outros de sua espécie, e jamais poderá ser companhia para alguém como eu. *(O Sapo volta com a bola na boca e a atira à Princesa, que a pega e sai em direção ao fundo do palco).*

SAPO – Ei, espera, espera! Me leve com você: não consigo correr como você, apressadamente! *(Passa a coaxar, a princípio alto, depois cada vez mais baixo)*

NARRADOR – Mas de que adiantou, EMBORA coaxasse atrás dela o MAIS alto que podia? Ela não lhe deu a MÍNIMA atenção, dirigiu-se para o palácio e logo havia se esquecido COMPLETAMENTE do pobre Sapo – que deve ter pulado de volta para a sua fonte.

CENA 2

Atriz adulta

A Mulher, que estava dormindo na mesma posição inicial da Princesa, acorda de súbito de seu sonho. As ações que se seguem devem ser realizadas em uma mímica frenética e repetitiva ao som de uma música também repetitiva. Ela veste roupas cotidianas e atuais. Levanta-se. Maquia-se e penteia-se. Senta-se a uma mesa. Come. Bebe de uma xícara. Toma uma condução. Bate o cartão-ponto. Trabalha de forma mecanizada e completamente repetitiva, digitando um texto, numa grande resma de papel que se acumula a seu lado. A ação de trabalhar deve ser especialmente estendida.

CENA 3

Narrador / Ator adulto / Atriz adulta

NARRADOR – E também ERA UMA VEZ, três filhos de um OUTRO rei: fala-se de como, num CERTO dia, foram caçar e ficaram perdidos, AFASTADOS de tudo e de todos. Com sede, foram, um POR um, buscar água. O irmão mais velho FOI primeiro: Na entrada de uma IMENSA floresta, há uma velha mulher, de sentinela. Tem a velha a SEGUINTE aparência: *(É um boneco em tamanho real – a ser montada e manipulada pela Atriz adulta e pelo Narrador à medida que este narra e se aproxima)*. Mais preta que o carvão eram TODAS as suas juntas, da cabeça aos pés; como o rabo de um cavalo SELVAGEM, era a dura massa cinzenta que ocupava a parte superior da cabeça; tinha olhos escurecidos e esfumaçados; nariz TORTO, com amplas narinas; barriga PINTALGADA e ENCARQUILHADA, com todo tipo de doenças; canelas HORRIVELMENTE deformadas, com MACIÇOS tornozelos e de pés que pareciam grandes... PÁS; tinha NODOSOS joelhos e unhas cor de chumbo. Realmente, TODOS os traços da megera eram desagradáveis. Ui, Credo!

IRMÃO MAIS VELHO *(entra Ator adulto)* – É aqui, não é?

VELHA *(dublada pela Atriz)* – Justamente.

IRMÃO MAIS VELHO – Está guardando a entrada para o poço da floresta?

VELHA – Sim.

IRMÃO MAIS VELHO – Permite que eu entre e leve um pouco de água?

VELHA – Claro... mas terei de receber um beijo no rosto.

IRMÃO MAIS VELHO – Nada disso

VELHA – Então não te darei água.

IRMÃO MAIS VELHO – Dou minha palavra que, antes de te dar um beijo, eu morro de sede!

VELHA – Sede terá!

CENA 4

Atriz adulta

Mulher bate o cartão-ponto. Dirige-se a algum lugar. Toma uma condução. Senta-se a uma mesa. Come. Bebe de uma xícara. Deita-se, em segundo plano, e volta a sonhar.

CENA 5

Atriz mirim / Ator mirim

A Princesa aparece segurando sua bola dourada. Ouvem-se trombetas: o Sapo – máscara do ator mirim – chega para cobrar sua promessa, trajado como um príncipe. E, embora ela se mostre completamente desgostosa, ele a acompanha até a pequena mesa, come de seu pequeno prato, bebe de sua pequena xícara e até insiste em dormir com ela, na cama. Aqui, mais uma vez em ação simétrica à cena da atriz adulta. O Sapo se deita por trás dela e ilusoriamente desaparece. Num acesso de raiva, ela toma em suas mãos o boneco do Sapo (cena 1) e o lança à parede. Quando cai, ele já não é um Sapo, mas um Príncipe.

CENA 6

Atriz adulta

A Atriz, que está na cama na mesma posição da Princesa, acorda subitamente de seu sonho. Levanta-se. Maquia-se e penteia-se. Senta-se a uma mesa. Come. Bebe de uma xícara. Dirige-se a algum lugar. Toma uma condução. Bate o cartão-ponto. Trabalha de forma mecanizada e completamente repetitiva, digitando um texto, numa grande resma de papel que se acumula a seu lado. A ação de trabalhar deve ser especialmente estendida.

CENA 7

Narrador / Ator mirim / Atriz adulta

NARRADOR – E o jovem PARTIU para o local onde estavam seus irmãos e disse que não havia CONSEGUIDO água. O irmão do meio foi buscar água em SEGUIDA e também chegou ao MESMO local. Pediu água à velha, mas NEGOU o beijo. Por fim, CHEGOU a vez do irmão mais novo, que CHEGOU ao mesmo poço.

IRMÃO MAIS NOVO (*entra Ator mirim*) – É aqui, não é?

VELHA – Justamente.

IRMÃO MAIS NOVO – Está guardando a entrada para o poço da floresta?

VELHA – Sim.

IRMÃO MAIS NOVO – Permite que eu entre e leve um pouco de água?

VELHA – Claro... mas terei de receber um beijo no rosto.

IRMÃO MAIS NOVO – Além do beijo, dou também um abraço. (*O faz.*)

NARRADOR – E eis que não havia no mundo uma jovem mais GRACIOSA, de aparência mais bela que a dela (*também é um boneco em tamanho real – montado no eixo inverso do boneco da velha*): semelhante à ÚLTIMA neve a cair, era cada UMA de suas partes, do topo da cabeça à planta dos pés; ANTEBRAÇOS majestosos, DEDOS longos e delgados, PERNAS bem torneadas de cor agradável; duas sandálias de um belo bronze se INTERPUNHAM entre os lisos e suaves PÉS e a terra; havia sobre ela uma ampla MANTA da melhor lã, puro carmesim, e, sobre suas vestes, um BROCHE de prata branca; tinha ela brancos DENTES PEROLADOS, grandes OLHOS magníficos, a boca RUBRA como a sorva. U-a-u!...

IRMÃO MAIS NOVO – E quem é você?

VELHA – Sou a Regra Real. E como me viste antes feia, embrutecida, repugnante – e, no final, bela – , assim é a regra real; pois, sem batalhas, sem o implacável conflito, ela não pode ser ganha; mas, no final, aquele que ganha é rei de tudo de atraente e belo que resulte. Pois *(começa a cantar – sendo por fim acompanhada pelo Narrador, que finaliza sozinho a canção)*

No interior do coração gentil, habita o Amor,
Qual pássaro na verde sombra do bosque.
Antes do coração gentil, na pureza da natureza,
O Amor não existia, nem o coração gentil antes do Amor.
Pois com o sol, ao mesmo tempo,
Assim surgiu a luz imediatamente; nem ocorreu
Seu nascimento antes de nascer o sol.
E o Amor teve seu efeito na gentileza
Do verdadeiro eu; tal como,
No fogo brando, o excesso de calor.

CENA 8

Narrador / Atriz adulta

Com sua grande resma de papel às mãos, Atriz bate o cartão-ponto. Toma uma condução. Senta-se a uma mesa. Come. Bebe de uma xícara. Sobe na cama com o pé esquerdo e vira o travesseiro antes de dormir. Deita-se e volta a sonhar.

NARRADOR – Ela AINDA estava dormindo. Sentia, NO ENTANTO, que se libertava do sono EXATAMENTE como um balão: era como se fosse um peixinho dourado numa tigela redonda FEITA de sono, subindo SEM PARAR através das águas do sono em direção à superfície. Quando chegasse lá, acordaria. E acordou, MAS não abriu os olhos imediatamente. Preferiu FICAR imóvel no calor da cama, e era como se houvesse outro balãozinho, agora DENTRO dela, crescendo e subindo, crescendo e subindo. Logo estaria em sua boca e ESCAPARIA com um estalo, voando diretamente para cima. O balãozinho dentro dela foi ficando CADA VEZ maior e seu corpo todo, os braços e as pernas, FORMIGAVAM como... hum, se mordidos por... formigas. “Que será isto?”, pensou, CONSERVANDO os olhos bem fechados e tentando lembrar-se do dia anterior.

NARRADOR – É o seu aniversário. E ela abre os olhos.

MULHER (*olhando-o com assombro*) – Quem é você?

NARRADOR – Não importa. Levante-se. (*Ela continua deitada e olha em volta*). Levante-se.

MULHER – Não estou pronta.

NARRADOR – Está sim. Levante-se. (*Ele afasta a coberta e ela está vestida – exatamente como a princesinha*).

MULHER – Que coisa mais estranha!

NARRADOR – É porque HOJE é seu aniversário.

MULHER – Mas isso nunca me aconteceu antes!

NARRADOR – Pois devia. Para ISSO existem os aniversários. E se na noite ANTERIOR você sobe na cama com o pé esquerdo e VIRA o travesseiro antes de dormir, tudo PODE acontecer.

MULHER – Foi exatamente o que eu fiz...

NARRADOR (*oferecendo a ela a bola dourada*) – E isto, lhe pertence?

Mulher toca a bola e imediatamente se vê sozinha no palco.

CENA 9

Narrador / Ator mirim / Atriz adulta / Ator adulto

VELHA (*manipulada pelo Narrador – aproxima-se do Irmão mais novo e lhe dá um beijo*) – Pronto, agora já pode seguir caminho e buscar tua água. Mas saiba, Senhor Príncipe, que nesta floresta vive um Ogro e sua esposa, que guardam o poço; e ele mata todo homem que vê.

NARRADOR (*enquanto o Príncipe realiza sua coreografia/rotina de treinamentos marciais junto ao Ator adulto*) – Mas o Príncipe estava confiante e SEM temor, como um leão. Ele havia acabado de completar seus ESTUDOS, com seu grande mestre. E ganhou como distinção o TÍTULO de Príncipe Cinco Armas. (*Recebe cinco armas de seu mestre, faz uma reverência e, entra na floresta. De repente o Ogro, que na verdade é a própria floresta, aparece – manipulado pelo Ator adulto e pelo Narrador – sua voz é feita por ambos*).

OGRO – Para onde vai? Alto! É minha presa!

PRÍNCIPE CINCO ARMAS (*Ator mirim*) – Ogro, eu sabia o que me esperava quando entrei na floresta. É melhor ter cuidado antes de me atacar; pois com uma flecha envenenada vou perfurar sua pele e reduzi-lo a pó!

(*O jovem Príncipe arma o arco com uma flecha embebida em veneno e dispara. A flecha se prende aos cabelos do Ogro. E o Príncipe atira, uma após outra, cinquenta flechas. O Ogro afasta todas as flechas e as faz cair aos seus pés, rindo. O Príncipe ameaça o Ogro mais uma vez e, com a espada, desfere um golpe magistral. A espada fica presa ao Ogro. Então, o Príncipe o golpeia com a lança, que também se revela inútil. Por fim, o Príncipe o atinge com uma maçã, que fica igualmente grudada*).

PRÍNCIPE CINCO ARMAS – Mestre Ogro, jamais ouviste falar de mim antes. Sou o Príncipe Cinco Armas. Quando entrei

nesta floresta, não dei importância a armas como arcos e outras do mesmo tipo; confiei apenas em mim mesmo. Agora vou derrotá-lo e o reduzir a pó!

(O Príncipe atinge o Ogro com a mão direita, ao mesmo tempo em que dá um grito. Sua mão se prende ao Ogro e o Príncipe o atinge com a mão esquerda. Esta também fica presa. Faz o mesmo com o pé direito, obtendo igual resultado. Por fim, isso acontece também com seu pé esquerdo).

PRÍNCIPE CINCO ARMAS – Vou derrotá-lo com a cabeça e o reduzir a pó!

(E golpeia o Ogro com a cabeça, que também fica presa. O Príncipe Cinco Armas, que caíra cinco vezes em armadilhas, e estava bem preso por cinco lugares, encontra-se suspenso no corpo do Ogro. Mas, apesar de tudo, não tem medo, nem está assustado).

OGRO – Eis um leão humano – não um simples homem! Pois, embora tenha sido aprisionado por um Ogro como eu, ele não demonstra tremer ou estremecer! Por todo o tempo em que tenho assolado esta floresta, jamais vi um único homem que lhe chegasse aos pés! Por que ele não tem medo? *(Ao jovem)* Meu jovem, por que não tem medo? Por que não está aterrorizado pelo medo da morte?

PRÍNCIPE CINCO ARMAS – Ogro, por que eu deveria ter medo? Pois, na vida, a morte é absolutamente certa. Além do mais, tenho uma arma em meu interior: um relâmpago. Se me comer, não será capaz de digerir. Ela vai reduzi-lo a pó. Nesse caso, morreremos os dois. Por isso não tenho medo!

OGRO – O que esse jovem diz é verdade. Meu estômago não seria capaz de digerir nem um pedaço da carne desse leão humano, ainda que fosse do tamanho de um grão de feijão. Vou deixá-lo ir!

O Ogro liberta o Príncipe Cinco Armas que, de mãos livres, caminha em direção ao poço. Bebe de um frasco a água capaz de saciar qualquer sede, e se vai.

CENA 10

Narrador / Atriz adulta

NARRADOR – Ela caminhava SOZINHA pela parte mais antiga de uma grande cidade, através de RUAS poeirentas e malcuidadas. E já havia caminhado um bom PEDAÇO, quando viu formigas a andarem para cima e para baixo, AFLITAMENTE, sobre uma pedra à beira do caminho.

VOZ (*feitas pelo Narrador*) – Princesa, dê um pouco de comida e nós a ajudaremos quando precisar.

MULHER (*sentindo-se interrompida na descrição do seu sonho*) – Muita coisa eu não tenho e nem vocês parecem poder vir a me ajudar em muita coisa. Mas alguma coisa eu posso dar. (*Dá algumas migalhas e continua a caminhar.*) E já havia caminhado um bom pedaço, quando cheguei à margem de um rio (*final do palco*) que atravessava meu caminho, e vi um junco que, embora verde, estava com seus galhos bastante caídos.

VOZ – Princesa, dê um pouco de água, e eu a ajudarei quando precisar.

MULHER – Muita coisa eu não tenho e nem você parece poder vir a me ajudar em muita coisa. Mas alguma coisa eu posso fazer. (*Ela o ajuda e volta a caminhar.*) Era um rio bonito e perfeitamente límpido, eu podia ver a grama se movendo sob a água. E já havia caminhado um bom pedaço, quando vi na margem um salmão caído em terra, debatendo-se desesperadamente, sem conseguir retornar à água.

VOZ – Princesa, me ajude, e eu a ajudarei quando precisar. (*A Mulher o ajuda e volta a caminhar, chegando a uma pequena casa*)

CENA 11

Narrador / Atriz adulta / Ator adulto

Sentado na soleira da casa, um Velhinho de longas barbas brancas – que não é senão o Narrador disfarçado – entalha um pedaço de madeira.

MULHER – Bom dia.

VELHINHO – Bom dia. Escuta: aonde vai com tanta pressa, senhorita?

MULHER – Apenas vou em frente para encontrar alguém a quem fiz uma promessa.

VELHINHO – Hum... Veja: é muito longe daqui?

MULHER – Na verdade não sei... mesmo assim, dessa vez, eu preciso continuar. O senhor sabe como posso atravessar esse rio?

VELHINHO – Olha: eu o atravessei inúmeras vezes. Costumava atravessá-lo quase todo dia, quando tinha sua idade, mas faz muitos anos que não tento. *(O Velhinho olha cautelosamente para o interior da casa.)* Venha comigo. *(Fecha o canivete e o guarda no bolso, junto com o pedaço de madeira que estava esculpindo. Levanta-se e sonda novamente a casa.)* Acho melhor ir com você e ensinar o caminho, porque...

Nesse momento a Mulher do Velhinho – uma miniatura da Velha da Cena 3, agora manipulada pelo Ator – aparece e joga em cima dele primeiro um ferro de passar e depois um rolo de macarrão.

MULHER DO VELHINHO – Seu malandro vagabundo! Sentado aqui fora, na conversa mole com estranhos, e nenhum pedaço de lenha em casa para fazer o jantar!

VELHINHO – Mas Tere...

A mulher arma-se outra vez e atira um despertador. O velhinho dá meia-volta e vai correndo se esconder. A mulher fica na porta olhando feio para ela.

MULHER DO VELHINHO – E você aí? Não tem mais o que fazer, além de afastar as pessoas de seu trabalho? (*Bate a janela*).

MULHER – Parece que terei de tentar sozinha atravessar o rio.

Afasta-se da casa, porém logo depois, alguém a chama timidamente.

VELHINHO (*sussurrando*) – Diga: ela já entrou?

MULHER – Sim.

VELHINHO (*deixando seu esconderijo*) – Ouça: espere um minuto e irei com você. (*O Velhinho engatinha, recolhe o relógio, o rolo de macarrão e o ferro de passar, e esconde tudo num canto do palco*) Assim ela não poderá jogá-los em mim quando eu voltar. (*Vão à margem do rio.*)

CENA 12

Narrador / Atriz adulta

VELHINHO (*tirando do bolso seu canivete e o pedaço de madeira*) – Repare: se você realmente deseja atravessar o rio, corte uma lasca dessa madeira, e depois, coloque a mesma lasca no lugar de onde você a cortou. Daí, deite-se e tire um cochilo.

A mulher faz como o velho lhe disse e se deita para dormir.

MULHER (*deitada*) – Enquanto dormia, parecia escutar o barulho de machados, serras, martelos, plainas: mas não consegui acordar até que o Velhinho me chamou. (*Ela levanta e ele lhe entrega uma pequena caixa de madeira – com uma miniatura sua, que coloca à margem do rio.*)

VELHINHO – Preste atenção: agora, é só subir a bordo e velejar rio afora. E lembre-se: não deixe de aceitar a ajuda de todos aqueles que você encontrar pelo caminho.

CENA 13

Narrador / Ator mirim / Ator adulto

NARRADOR – Porém, EIS QUE retorna a mulher do Ogro, muito MAIOR que ele, e vê que a água de seu POÇO foi roubada.

A Ogra (manipulada pelo Ator adulto) – é uma versão do Ogro com cabelos compridos – bate na cabeça do Ogro (manipulado pelo Ator mirim), que estava sentado meditando, até que um de seus olhos salta do rosto).

OGRO – Que injustiça! Por que me bateu? Sua água não foi tomada por mim.

OGRA (*batendo nele*) – Diga a verdade!

OGRO – Foi o Príncipe Cinco Armas que a tomou.

E com um urro selvagem, ela se põe atrás dele, correndo.

CENA 14

Narrador / Atriz mirim / Ator mirim

NARRADOR – Quando chegou à OUTRA margem do rio, ela (*Atriz mirim*) viu o Sapo próximo a uma árvore. Tentou pegá-lo, mas ele CORREU para trás da árvore e começou a subir. Ela o perseguiu, mas ele continuou fora do seu alcance.

PRINCESA – Está bem! Vou subir para pegar o Sapo, mas só desta vez, porque quero ver como esta história vai acabar, e, se for preciso, subirei até a parte mais alta da árvore.

NARRADOR – O Sapo chegou ao topo da árvore, mas, QUANDO a menina se aproximou e estava prestes a pegá-lo, a árvore subitamente se ALONGOU e o Sapo continuou a subir. Olhando para baixo, a menina viu que já estava MUITO muito alto, mas com medo da grande altura, continuou a SUBIR na árvore, até tornar-se, para aqueles que a olhavam de baixo, um pontinho. E, junto com o Sapo, ela chegou ao céu.

CENA 15

Narrador / Ator mirim / Ator adulto

NARRADOR – *(Os Atores, que manipulam o Ogro e a Ogra, durante a perseguição manipulam também as criaturas nas quais eles se transformam)* E a mulher do Ogro, muito maior que ele, vê que a ÁGUA de seu poço foi roubada, e se põe atrás do Príncipe, CORRENDO. E o Príncipe a vê, se TRANSFORMA numa lebre e foge. Mas ela se transforma em raposa e o PERSEGUE. Ele corre para um rio e torna-se peixe (o salmão). E ela, sob a forma de lontra, o PERSEGUE sob a água, até que ele se vê FORÇADO a transformar-se num pássaro. Ela, como águia, o PERSEGUE e não lhe dá descanso no ar. E quando estava PERTO de alcançá-lo, e ele temia pela PRÓPRIA vida, eis que ele avista um monte de trigo e nele Mergulha, transformando-se NUM dos grãos. E ela se transforma numa galinha preta, CISCA no trigo, encontra-o e o engole. E, diz a história, ela o levou CONSIGO durante nove meses e, quando ele saiu, ela não conseguiu fazer outra coisa senão adorá-lo, TAL a sua beleza.

CENA 16

Narrador / Atriz mirim / Ator mirim / Atriz adulta

A princesa encontra o Sapo no colo de uma Rainha em seu trono, que o acaricia.

RAINHA (Atriz) – Ah! Finalmente resolveu aparecer... saiba que meu filho encontra-se doente, desde que você quebrou seu juramento.

PRINCESA – Sim, eu sei. E me envergonho disso. Vim seguindo sinais até aqui, para que eu possa devolver a ele, o que ele me devolveu.

RAINHA – Gosto de sua atitude, mas você deve esperar um pouco. Ainda não poderá ver o Príncipe. Para mim tanto faz, mas se você conseguir separar estes grãos antes de a noite cair, poderá vê-lo. *(Para o público, rindo)* Porque é impossível!

NARRADOR – Então misturou uma grande QUANTIDADE de trigo, cevada, painço, sementes de papoula, ervilha, lentilha e feijões, FORMANDO com eles uma pilha.

PRINCESA – Não me resta senão tentar.

NARRADOR – A Princesa, então, trabalhou tanto, tanto, até que não CONSEGUIU acreditar mais que conseguisse realizar o trabalho. E chorando, adormeceu. Despertou ASSIM a compaixão de formigas que passavam por ali. E em vagas sucessivas, elas carregaram TODOS os grãos e os separaram por espécies, juntando em VÁRIOS montinhos. A Rainha foi e viu então com GRANDE surpresa que a tarefa havia sido feita, não HAVIA o que discutir.

RAINHA – Tanto faz, mas desejo para mim a lã de todos os carneiros deste vale e se você conseguir tosquiá-los antes do anoitecer, poderá ver o Príncipe. *(Para o público, rindo)* Porque é completamente impossível.

PRINCESA – Bom, não me resta senão tentar.

NARRADOR – A Princesa, então, DEPOIS de muito andar, chegou ao vale e já muito cansada, não sabia NEM por onde começar, tanto que não acreditava MAIS que faria o trabalho. E chorando, despertou assim a compaixão do Junco.

JUNCO – Não é necessário domar os carneiros para tosquiá-los. Basta esperar que eles saiam das touceiras dos arbustos espinhosos, quando forem beber água; nos espinhos ficarão presos alguns fios de lã, que podem então ser facilmente recolhidos.

NARRADOR – A Rainha viu então, com grande surpresa, que a tarefa havia sido feita, não havia o que discutir.

RAINHA – Tanto faz, mas desejo para mim um cântaro da água de um poço muito profundo, dentro de uma igreja. Essa igreja está numa ilha. A ilha fica no meio de um lago. O lago no meio de uma imensa floresta sombria; e se você conseguir trazer um pouco daquela água escura antes do anoitecer, poderá ver o Príncipe. (*Para o público, rindo*) Porque isso é completamente impossível.

PRINCESA – Bem, não me resta senão tentar.

NARRADOR (*sussurrando*) – A Princesa, ENTÃO, depois de muito andar e já muito cansada, não sabia nem por onde COMEÇAR, chegou finalmente à nascente em absoluto SILÊNCIO para não acordar os ogros da floresta. Mas não conseguia atravessar o lago.

PRINCESA (*já quase chorando*) – Só se eu pudesse voar.

NARRADOR – E já estava quase desistindo, quando surgiu um salmão – *manipulado pelo Ator mirim* –, que lhe TIROU o frasco da mão, nadou até o FUNDO da fonte e apanhou uma porção do líquido escuro. A Rainha viu então, com grande surpresa, que a tarefa HAVIA sido feita, não havia o que discutir.

RAINHA – Para mim tanto faz, mas finalmente desejo que você se olhe neste espelho (*uma moldura vazada*) e me diga então: você sabe quem você é? (*Para o público, rindo*) Porque isso é realmente, completamente, impossível! Ha, Ha, Ha... Espelho, espelho meu... Ha, Ha, Ha...

CENA 17

Narrador / Atriz mirim / Ator mirim / Atriz adulta / Ator adulto

(A Princesa começa a se observar atentamente, até que para de chorar. E nesse momento se vê como mulher adulta, já vestida em sua roupa cotidiana, a segurar com muito cuidado a bola dourada e sua grande resma de papel em mãos. Caminha em direção ao espelho e como se por ele entrasse, torna-se MULHER. O homem, também com roupas atuais, a encontra. Ambos viram para o público e ficam lado a lado.

O Jovem Príncipe aparece de um lado do palco e entrega o frasco com a água à Jovem Princesa, que entrou pelo outro lado do palco).

PRÍNCIPE – Diga-me Princesa, qual o seu nome?

PRINCESA – Laura.

PRÍNCIPE – Princesa Laura...

PRINCESA – E o seu?

PRÍNCIPE – Não importa. Vem *(a correr e rir atravessam a floresta)*.

NARRADOR *(agora já completamente caracterizado como bufão, terminando de colocar seu característico chapéu cheio de guizos – ilumina a cena com sua lâmparina)* – Quando o Príncipe da Eternidade beijou a Princesa do Mundo, esta não OFERECIU resistência. Ela abriu os olhos, DESPERTOU e o olhou com amizade. Juntos, desceram as escadas, e o rei, a rainha e toda a corte ACORDARAM e todos se entreolharam com ESTUPEFAÇÃO. E os cavalos da corte LEVANTARAM-SE e se sacudiram; os cães de caça saltaram e ABANARAM a cauda; os pombos do teto RETIRARAM as cabecinhas de baixo das asas, olharam à sua volta e voaram pelo campo; as moscas que se achavam na PAREDE voltaram a andar; o fogo se reavivou na COZINHA, aumentou e FEZ o jantar; o

assado voltou a DOURAR; a cozinheira deu um peteleco no OUVIDO do ajudante que o fez cambalear; e a ama terminou de a GALINHA depenar.

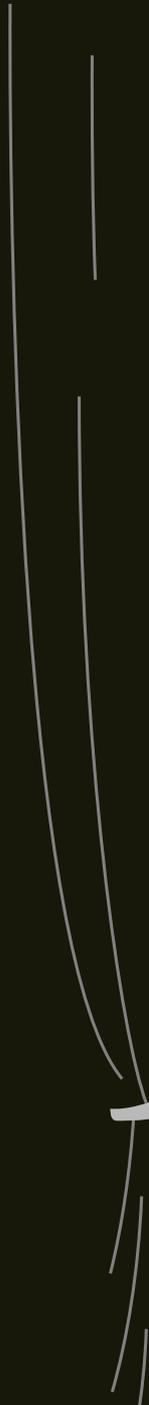
(O casal senta-se. Vem o garoto como Príncipe e senta-se no colo dela. Vem a garota como Princesa e senta-se no colo dele. Brincam todos e, depois de um tempo, leem os papéis que ela lhes mostra e, por fim, se imobilizam como numa foto).

NARRADOR *(iluminando a cena com sua lamparina) –* Então CELEBRARAM o casamento e FESTEJARAM e DERAM tiros para o alto. E, enquanto providenciavam MAIS fogos, levaram-me até UM dos atiradores, deram-me mingau numa GARRAFA e LEITE numa gamela e dispararam-me num morteiro até AQUI, para que eu pudesse lhes contar como TUDO se passou. *(E, com um súbito sopro, apaga a pequena chama.)*

Curitiba, primeiros meses de 2009



**UMA BRUXA, DOIS
CONTOS, TRÊS VEZES
E O DIABO A QUATRO**



Personagens

Sr. Leão, o escritor

Piazim, o garoto

Farmacêutico

Diabo

Diabinho

Bruxa

Bruxixa

Mãe

Velho cão, Macaco, Leopardo (Bonecos)

Elenco

Seis atores, sendo: ator (1) adulto – Sr. Leão/Mãe; ator (2) adulto – Diabo; atriz (3) adulta – Farmacêutico, e Bruxa, que é uma máscara e pode ser interpretada por outro ator em alguma cena. Bruxixa pode ser feita por atriz (4) adulta ou mirim. Piazim é um ator (5) mirim; e Diabinho, ator/atriz (6) mirim.

A ação se desenvolve em quatro planos: Cotidiano; Sonho; Inferno; e História dentro da história. Todos possuem os mesmos elementos do Plano Cotidiano, porém, potencializados pela mudança característica de luz e atmosfera e por duas telas de projeção, uma ao fundo do palco e outra na boca de cena, a serem usadas nas cenas de Sonho.

O cenário é composto por um beliche móvel no centro do palco. Está decorado como uma cama antiga e possui cortinas como as de um pequeno teatro. Um dos lados do beliche, que no início está voltado para o público, tem uma aparência bastante trivial. Do outro lado, porém, é bastante decorado, cheio de arabescos e penduricalhos, e está, no início da peça, com suas cortinas desamarradas. Ao girar sobre o próprio eixo, funciona como cozinha, botica e é também um pequeno teatro.

COTIDIANO (PLANO DE LUZ 1)

CENA 1

Luz no centro do palco. Vemos surgir um cachorro que é, na verdade, um boneco. O foco se amplia gradualmente e vemos também o homem que a manipula: veste camiseta mangas longas listrada, jardineira e boné.

LEÃO (*começa a contar uma história*) – Au! Au! Au! Uma velha senhora foi para um safári na África e levou seu velho vira-lata com ela. Um dia, caçando borboletas, o velho cão, de repente, percebeu que estava perdido. Vagando a esmo e procurando o caminho de volta, por fim o velho cão vê então um jovem leopardo que caminha em sua direção, com intenção de conseguir um bom almoço. O cachorro velho pensa: “Oh, oh! Estou mesmo enrascado!”...

PIAZIM (*off*) – Oi, oi, aqui estou eu!

LEÃO (*olhando para trás*) – Vejam só quem está aqui! É meu amigo Piazim! Ele tem braço, olho e perna, tem cabeça, boca e dente, e, minha nossa! Como é insistente!

PIAZIM (*entra vestido como o Leão. Brinca com um iô-iô*) – Você é o senhor Leão!

LEÃO – Isso mesmo, sou o senhor Leão!

PIAZIM – Que escreveu esta história aqui?

LEÃO – Eu a estou escrevendo neste exato momento...

PIAZIM – Então, senhor escritor, por favor, me conte uma boa e velha história de bruxa!

LEÃO (*para o público*) – História de Bruxa?! Mas eu não carrego histórias de bruxa no bolso para poder tirar assim, a qualquer hora... e eu estou muito ocupado, tenho mais o que fazer agora do que contar mais uma história de bruxa! (*pausa – olha para Piazim*) É... hum... não posso, eu estou... estou com um reumatismo terrível nas juntas!

Piazim sai.

CENA 2

LEÃO (*volta à sua contação*) – Passou algum tempo, e onde eu estava? Ah! Sim: O cachorro velho pensa: “Oh, oh! Estou mesmo enrascado!”. Olha em volta e vê por perto uns ossos espalhados no chão. Em vez de se apavorar ainda mais, o velho cão chega ao osso mais próximo e começa a roê-lo, dando as costas ao predador. Quando o leopardo está a ponto de dar o bote, o velho cachorro exclama bem alto: “Cara, este leopardo estava delicioso! Será que há outros por aí?” Ouvindo isso, o jovem leopardo, com um arrepio de terror, suspende seu ataque na última hora e se esgueira na direção das árvores: “Caramba!” Essa foi por pouco! O velho vira-lata quase me pega!”...

CENA 3

PIAZIM (*entra com um patinete e interrompe Leão*)
– Bom dia, senhor Leão. Está com um reumatismo terrível nas juntas?

LEÃO (*desprevenido*) – Não, não estou com um reumatismo terrível nas juntas...

PIAZIM – Então me conte uma boa e velha história de bruxa!

LEÃO – História de Bruxa?! Outra vez? Não, isso não. É melhor você desistir. Afinal, você sabe: hoje em dia história de bruxa não é algo politicamente correto...

PIAZIM – Política o quê?

LEÃO – Correto!

PIAZIM – O que é isso?

LEÃO – É quando, você sabe, não agrada todo mundo e...

PIAZIM – Como assim “todo mundo”?

LEÃO – As pessoas...

PIAZIM – Crianças?

LEÃO – Não! As crianças adoram histórias de bruxa...

PIAZIM – Quem então?

LEÃO – Os adultos, os adultos, os adultos e as adultas...

PIAZIM – Ah! Entendi. Então isso é coisa de adultos e adultas. Bem, sou criança e para mim não tem problema nenhum: entendo perfeitamente o que é uma metáfora e uma metonímia, sei separar bem separado o que é real, o que é imaginário e o que é simbólico.

LEÃO – Hein?!

PIAZIM – Como qualquer criança, aliás.

LEÃO (*perplexo, ao público*) – E se ele estiver com a razão? Dizem que a verdade sai da boca das crianças... é isso mesmo, preciso me informar!

PIAZIM – Então?

LEÃO – O quê? Ah, veja... a bem da verdade eu estou ocupado e, como já disse antes, tenho mais o que fazer do que passar meu tempo a contar mais uma história de bruxa! (*Pausa – olha para Piazim*) É... hum... e também não posso, porque dei um mau jeito nas cadeiras!

Piazim sai. Leão pensa um pouco e volta a contar sua história com os bonecos.

CENA 4

LEÃO (*volta à sua contação*) – Passou algum tempo e onde eu estava? Ah, sim! O jovem leopardo se esgueira na direção das árvores: “Caramba! Essa foi por pouco! O velho vira-lata quase me pega!”. Um macaco, numa árvore ali perto, viu toda a cena e logo imaginou como fazer bom uso do que vira: em troca de proteção para si, ia informar ao predador que o vira-lata não havia comido leopardo algum... e assim, foi rapidamente em direção ao leopardo. Mas o velho cachorro o vê correndo na direção do predador em grande velocidade, e pensa: “Aí tem coisa!”. O macaco logo alcança o felino e lhe cochicha ao ouvido. O jovem leopardo fica furioso por ter sido feito de bobo e diz: “Meu amigo macaco! Suba nas minhas costas para você ver o que vai acontecer com aquele cachorro abusado!”...

CENA 5

PIAZIM (*com um pirulito numa das mãos, interrompe Leão*) – Bom dia, senhor Leão, ainda está com um mau jeito nas cadeiras?

LEÃO – Ora essa! Escute aqui, amiguinho, se é para me pedir para contar uma boa e velha história de bruxa, pode desistir! Não conte com isso!

PIAZIM – Por quê?

LEÃO – Porque não tenho mais histórias!

PIAZIM – Por que não tem mais histórias?

LEÃO – Porque não consigo achar mais nenhuma!

PIAZIM – Por que não consegue achar mais nenhuma?

LEÃO – Porque deixei de procurar!

PIAZIM – E as antigas?

LEÃO – As antigas você já leu!

PIAZIM – Mas quero que você me conte!

LEÃO – Não!

PIAZIM – Conte a da Bruxinha que era boa!

LEÃO – Agora é tarde, essa já está escrita!

PIAZIM – Conte a da Bruxa do Quebra-Cabeça!

LEÃO – Também é tarde! Já publiquei!

PIAZIM – Conte a da Bruxa de Manteiga!

LEÃO – Devia ter pensado nisso antes!

PIAZIM – Conte a da Bruxa do Baú!

LEÃO – Já contei mais de cem vezes!

PIAZIM – Não faz mal! Reconte de novo!

LEÃO – Não é certo dizer “reconte de novo”.

PIAZIM – Então como é que se diz?

LEÃO – “Reconte” ou “conte de novo”.

PIAZIM – Conte de novo!

LEÃO – Não!

PIAZIM – Não custa contar de novo! Então conte uma outra para eu!

LEÃO – Não é certo dizer “conte uma outra para eu”. O certo é “conte-me outra” ou “conte outra para mim”.

PIAZIM – Se eu falar certo você conta?

LEÃO – Não!

Piazim sai.

LEÃO (*para a plateia*) – Estão pensando que depois disso meu amiguinho Piazim se deu por vencido? Pois vocês não o conhecem! Mas eu já disse que Ele tem braço, olho e perna; tem cabeça, boca e dente, e, minha nossa! Como é insistente!

CENA 6

LEÃO (*volta à contação*) – Passou-se algum tempo e onde eu estava? Ah! Sim: O jovem leopardo, furioso, diz: “Meu amigo macaco! Suba nas minhas costas para você ver o que vai acontecer com aquele cachorro abusado!” Agora, o velho cachorro vê um leopardo furioso vindo em sua direção, com um macaco nas costas, e pensa: “E agora, o que é que eu posso fazer?” Mas, em vez de correr (sabia que suas velhas pernas não o levariam longe...), o cachorro senta, mais uma vez dando as costas aos agressores. E fazendo de conta que ainda não os viu, quando estavam perto o bastante para ouvi-lo, o velho cão diz: “Cadê o safado daquele macaco? Estou com fome! Eu mandei ele buscar outro leopardo para mim!”

Termina a história, guarda cuidadosamente os bonecos do leopardo e do macaco, cada qual em um saco, e com o “velho cão” no colo, vai, assoviando, até o beliche.

CENA 7

*Leão coloca uma touca de dormir e feliz, se deita. **Fade Out.** Silêncio. Logo após escurecer, começa a roncar. Piazim, também com um gorro de dormir, o acorda de supetão. **Fade In.***

PIAZIM – Senhor Leão! Senhor Leão! Conte uma boa e velha história de bruxa antes de dormir!

LEÃO – Meu amiguinho: eu já estava dormindo. E se eu começar agora, você não vai me deixar dormir a noite toda. A resposta é não.

Leão tenta uma nova posição de dormir a cada resposta; Piazim o cerca de todos os lados. Estas ações e o diálogo seguinte se intercalam com rápidos blecautes.

PIAZIM – Mas por que não?

LEÃO – Porque não tenho mais histórias!

PIAZIM – Por que não tem mais histórias?

LEÃO – Porque não consigo achar mais nenhuma!

PIAZIM – Por que não consegue achar mais nenhuma?

LEÃO – Porque deixei de procurar!

PIAZIM – E as antigas?

LEÃO – As antigas você já leu!

PIAZIM – Então conte uma outra para eu!

LEÃO – Ai, ai, ai!

PIAZIM – Se eu falar certo você conta?

LEÃO – Não!

***Fade Out.** Silêncio. Despertador toca. Leão acorda atrapalhado, retira Piazim de sobre sua barriga, onde dormira, e o acomoda na cama.*

CENA 8

Fade In

LEÃO (*mal-humorado e visivelmente cansado, caminha ao redor do beliche, com uma caneca de café na mão*) – Na manhã seguinte, resolvi ir à farmácia. O farmacêutico se chamava Plutão, tinha orelha, pé, perna e mão, cabeça, peito e barriga, e sua loja era cheia de coisa antiga. (*Ao Farmacêutico*) – Bom dia, Sr. Plutão! O senhor tem xarope que faz parar quieto?

FARMACÊUTICO – Parar quieto? Tipo só olhando para o teto?

LEÃO – Isso mesmo! É para o meu amiguinho Piazim, que não me deixa dormir, pois durante a noite toda, sobre bruxa quer ouvir!

FARMACÊUTICO – Tudo bem. (*Pegando um frasco*) Aqui está, pode levar! Uma colher antes de deitar. Uma só, não vá abusar! É um xarope de arrasar!

LEÃO – O senhor acha que com isso ele vai se comportar?

FARMACÊUTICO – Ô! Como um santinho no altar!

CENA 9

*Leão coloca uma touca de dormir e assoviando, vai se deitar. **Fade Out.** Silêncio. Logo após escurecer, começa a roncar. Piazim, também com um gorro de dormir, o acorda de supetão. **Fade In.***

PIAZIM – Senhor Leão! Senhor Leão! Conte-me uma boa e velha história de bruxa!

LEÃO (*com uma piscadela para o público*) – Hoje eu estou bonzinho e dessa vez não vou dizer que não...

PIAZIM (*senta-se na cama*) – Ah! Que bom!

Sobre o beliche, à medida que a ação é narrada, a máscara da Bruxa a executa e ilustra.

LEÃO (*toma fôlego e pensa um pouco*) – Bem... sim: Era uma vez uma bruxa, uma bruxa muito sabida. Sabia cozinhar, sabia arrumar a casa, sabia fazer geleia, sabia fazer até queijo. E ela fez um xarope... aliás, quer experimentar um pouco do xarope?

PIAZIM – Isso faz parte da história?

LEÃO – Claro que faz parte.

*Leão recebe o frasco do xarope de arrasar das mãos da bruxa, tira a rolha e coloca um bom bocado do xarope na caneca. Piazim toma, agradece e dorme na hora, por cima da colcha. A Bruxa cumprimenta Leão e desaparece. Ele se levanta, pega Piazim no colo, coloca-o na parte de cima da cama, volta para a dele, na parte de baixo. **Fade Out.** Silêncio. Logo após, começa a roncar e a sonhar.*

SONHO (PLANO DE LUZ 2)

CENA 10

*Início das projeções de caráter onírico. No começo são como um flash back do que aconteceu até este momento, em alta velocidade e em primeira pessoa, sob o ponto de vista de Leão. Já sonhando, ele se levanta usando um capacete de escafandro. Começam a se projetar imagens de flores. Depois estrelas. Risos de criança. Brincadeiras e jogos, muitos garotos, correndo em várias direções, todos vestidos como Piazim... Então, um deles puxa a Leão pela roupa. Não é outro senão Piazim que, no sonho, está com asinhas de anjo. **Fade In.***

PIAZIM – E depois?

LEÃO – Depois do quê?

PIAZIM – Depois do xarope, o que foi que ela fez?

LEÃO – Quem?

PIAZIM – A bruxa!

LEÃO – Hein? Não acredito! *(Ao Público)* Eu só posso estar sonhando! Meu amigo Piazim! *(Para Piazim)* O que você está fazendo aqui?

PIAZIM – A mesma coisa que você, dormindo e sonhando... Então, o que foi que a bruxa fez?

LEÃO *(Ao Público)* – Na verdade na verdade, meu amiguinho Piazim é muito insistente! Mas, vou mostrar a ele que não sou bobo. *(Para Piazim)* O que foi que a bruxa fez? Você quer mesmo saber? Espere um minuto só, o tempo de dizer três ó, e trinta vezes cocoricó!

PIAZIM – Tudo bem!

PIAZIM – Ó, Ó, Ó, cocorocó, cocorocó, cocorocó...

LEÃO *(Grita, de fora da cena)* – Mais devagar. Mais devagar...

CENA 11

LEÃO (*Caminha ao redor do beliche*) – E saí à procura de uma farmácia de sonho. Felizmente, havia uma no bairro. O farmacêutico tinha cara de cão. Três olhos, um barrigão. Três chifres, uma antena. Três bundas, três pés, coisa de dar pena. Mas era sonho, ia virar fumaça, e sendo assim, achei até graça. (*Ao farmacêutico*) – Bom dia, Senhor Farmacêutico, o senhor tem xarope que faz acordar?

FARMACÊUTICO (*O mesmo farmacêutico. No sonho, vestido de marciano*) – Está querendo acordar alguém?

LEÃO – É um menino agitado, que não me deixa sonhar sossegado!

FARMACÊUTICO – Tem receita médica?

LEÃO – Receita? Não. Por quê? É obrigatório?

FARMACÊUTICO – Claro! Onde o senhor pensa que está?

LEÃO – Desculpe. Não sou daqui, faz só cinco minutos que estou dormindo...

FARMACÊUTICO – Pois fique sabendo que não se deve acordar os outros à toa! Isso é um crime, um atentado contra a pessoa!

LEÃO – Mas, Senhor Farmacêutico, e se eu pagar?

FARMACÊUTICO – Não vai conseguir me dobrar.

LEÃO – E se for muito dinheiro, à vista?

FARMACÊUTICO – Nesse caso não há quem resista! (*Leão paga um dinheirão*). (*Ao público*) Não me custou nada, eram notas de sonho, em troca de um frasco enorme do melhor xarope para acordar. (*Dá um beijo no frasco*.)

LEÃO (*Ao Farmacêutico*) – Obrigado. O senhor garante que isso faz acordar mesmo?

FARMACÊUTICO – O garoto vai ficar mais acordado do que correria de desenho animado!

CENA 12

PIAZIM – Ah! Até que enfim! Eu disse dez ó e trezentos cocorocós, e se você não tivesse chegado...

LEÃO – Tá bom, tá bom, já entendi. Agora sinta que vou continuar a história...

PIAZIM – Então, o que a bruxa fez depois?

LEÃO (*respira fundo*) – Depois do primeiro xarope, ela fez outro; melhor ainda do que o primeiro, bem mais doce... Aliás, não quer experimentar?

Sobre o beliche, à medida que a ação é narrada, a Bruxa a executa e ilustra.

PIAZIM – Não, obrigado! Você vai me fazer dormir de novo!

LEÃO – Ora, pense um pouco. Não posso fazer você dormir, pois nós dois já estamos dormindo!

PIAZIM – Isso é verdade. Dessa vez faz mesmo parte da história?

LEÃO – Claro! Vamos, abre a boca!

Leão recebe o frasco do xarope de acordar das mãos da bruxa, tira a rolha e coloca na caneca. Piazim toma, agradece e desaparece numa nuvem de fumaça. A Bruxa também desaparece. Leão olha para um lado, olha para outro, e ri satisfeito. Volta a se deitar.

LEÃO (*suspirando*) – Finalmente! Agora estou sossegado!

Fade Out. *Silêncio. Roncos. Recomeça a sonhar.*

CENA 13

Reinício das projeções oníricas. No começo, um flash back do que aconteceu até este momento, em alta velocidade e em primeira pessoa, sob o ponto de vista de Leão. Durante o blecaute, o ator que faz o farmacêutico substitui Leão e usa o capacete de escafandro. Começam a se projetar imagens de flores. Depois estrelas. Risos de criança. Brincadeiras e jogos, muitos garotos, correndo em várias direções, todos vestidos como Piaxim e, desta vez, usam asinhas de anjo também. Piaxim, de touca de dormir, está deitado na parte de cima do beliche.

Então Leão, deitado, sente uma mão a lhe sacudir a roupa. Olha para o escafandro que também desaparece numa nuvem de fumaça, não sem antes também olhar para Leão, ambos como a dizer “não estou entendendo nada”.

COTIDIANO (PLANO DE LUZ 1)

CENA 14

Fade In

PIAZIM – Então? E depois do segundo xarope?

LEÃO (*acorda muito aborrecido, e ainda mais cansado*)

– Ah, não! Logo agora que eu estava mergulhando no melhor do sono! Assim não dá! Agora é que eu não conto mesmo! Tomei uma decisão: nunca mais vou contar história de bruxa!

PIAZIM – Nunca mais vai contar história de bruxa?

LEÃO – Nunca mais.

PIAZIM – De uma vez por todas?

LEÃO – De uma vez por todas!

PIAZIM – Jura?

LEÃO – Juro!

PIAZIM – Verdade?

LEÃO – Verdade!

PIAZIM – Pro resto da vida?

LEÃO – Pro resto da vida!

PIAZIM – Jura mesmo?

LEÃO – Juro!

PIAZIM – Ah! Então é pra valer, né? Puxa vida, hein? O que é que custa? Por favor...

LEÃO – Na-na-ni-na-não!

PIAZIM – Então, já que é assim, vá... vá... vá pro diabo.

LEÃO – Em primeiro lugar, não é certo dizer “pro diabo”.

PIAZIM – Como é que se diz, então?

LEÃO – “Ao diabo”, “Ao farmacêutico”, “Ao teatro”...

PIAZIM – Tudo bem, então vá ao diabo e fique por lá! (*e volta a se deitar*)

LEÃO (*ao público*) – Ao diabo... ao diabo? Ao diabo!
De fato, é uma boa ideia! Lá meu amiguinho não vai mais me incomodar!

INFERNO (PLANO DE LUZ 3)

CENA 15

Leão se levanta e, conforme anda, é acompanhado pelo beliche que também gira e para com seu lado oculto, pela primeira vez voltado ao público.

LEÃO – Era uma casa enorme, uma verdadeira pensão. Ocupava sozinha, quase todo o quarteirão.

DIABINHO VERDE (*De uniforme verde, muito educado*) – Com sua licença, cavalheiro, me esclareça: o que veio fazer aqui?

LEÃO – É... Hum... me mandaram pra cá. Sendo assim, eu vim me hospedar.

DIABINHO (*Entrega-lhe uma senha*) – Guichê número três.

LEÃO – Obrigado.

DIABINHO – De nada!

LEÃO (*Para o público*) – No guichê havia fila. Precisei esperar uma ou duas horas.

DIABO AZUL (*De uniforme azul, a preencher um formulário*) – Senha, por favor. Obrigado. Como se chama, cavalheiro?

LEÃO – Eu me chamo pelo meu nome.

DIABO – É guloso? Gosta de algo apetitoso?

LEÃO – Às vezes.

DIABO – É avaro ou sempre compra o mais caro?

LEÃO – Bem, sabe como é, quando se ganha pouco...

DIABO – Ah! Que conversa sem fim, responda não ou sim!

LEÃO – Não senhor, não sou avaro.

DIABO – Pior para você! É invejoso?

LEÃO – Bem, sabe como é...

DIABO – Sim ou não, seu moleirão!

LEÃO – Então, não.

DIABO – Azar. É preguiçoso? Demora pra acordar?

LEÃO – Um pouco.

DIABO – Está melhorando. É raivoso, resolve tudo xingando?

LEÃO – Quando dá na telha.

DIABO – Mas é raiva da braba, de deixar a cara vermelha?

LEÃO – É.

DIABO – Muito bem! É orgulhoso?

LEÃO – Ah! Isso eu sou.

DIABO – Luxurioso?

LEÃO – O que significa isso?

DIABO – Vai ficar sabendo depois... É luxurioso? Sim ou não?

LEÃO – Não sei, ora!

DIABO – Então a resposta é sim. Pronto. Aqui está seu bilhete. Trate de não perder. Seu lugar é na caldeira nº W13 -792, cabine 004... Ah! Já ia esquecendo: sua data de morte?

LEÃO – Minha data de morte?

DIABO – Exatamente! Quando foi que morreu? Hoje? Anteontem? Há quinze dias?

LEÃO – Mas eu não morri!

DIABO – Como? *(se ergue de um salto e o examina de cima a baixo)* Não mesmo! O senhor tem sombra! Mas, se não está morto, o que veio fazer aqui? *(rasga o bilhete e toca uma sineta)*

LEÃO – Bem, eu... é que o Piazim...

DIABINHO *(o arrastando)* – Me acompanhe, por favor. A culpa foi minha, desculpe. Eu devia ter notado que tinha sombra. Não devia ter deixado o senhor entrar. Mas, afinal, por que quis vir aqui?

LEÃO – Eu tenho um amiguinho, o Piazim, que quer porque quer porque quer porque quer que eu conte a ele uma história de bruxa, e me persegue dia e noite, esteja eu dormindo, sonhando ou acordado; e quando está dormindo também e...

DIABINHO – Puxa, que amiguinho insuportável! Eu gostaria de fazer alguma coisa por ele... ele merece. Por que o senhor não dá um de seus livros a ele? Ele não vai mais incomodar e vai poder ler histórias de bruxas durante meses a fio. Além do mais, os livros adoram as crianças. Adoram tanto que, quando um livro pega uma criança, não consegue mais largar. Dê um livro com uma boa e velha história de bruxa. O livro vai ficar feliz; e seu amiguinho vai ficar encantado. *(Sai.)*

LEÃO – Puxa! que boa ideia!

COTIDIANO (PLANO DE LUZ 1)

CENA 16

Leão se encaminha para dentro do beliche, do qual sai no mesmo instante, com um livro às mãos. Piazim, no beliche, transformado em um pequeno teatro, com as cortinas abertas. Leão começa a contar a história e a ilustrá-la com bonecos, à medida que Piazim vai lendo.

LEÃO – Então resolvi fazer o que ele me disse. Hahaha! A ideia não foi minha, mas não faz mal! Dei um livro de Histórias de bruxas para o Piazim e, a partir de então, misteriosamente, nunca mais Piazim me pediu para que eu contasse a ele uma boa e velha história de bruxa.

Piazim se dirige ao centro do palco, onde começa a ler um imenso livro.

HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA (PLANO DE LUZ 4)

CENA 17

LEÃO (*À medida que narra vai se caracterizando como mãe: vestindo um avental e na cabeça, lenço com bobs*) – Era uma vez um casal de camponeses que morava numa cabana junto a uma grande floresta. Eles tinham um filho conhecido de todos como Piazim. E tinham também um cachorrinho bem velho, pequeno de porte, mas forte de voz e muito esperto. (*Manipula o boneco do cachorro.*) Certa tarde, em que o pai do Piazim havia ido à floresta cortar lenha e a mãe estava por ali, o cachorro começou a latir, a latir muito – Au! Au! Au!

LEÃO (*Como MÃE*) – Vá lá fora ver o que está acontecendo, meu filho.

PIAZIM (*Espia atrás do beliche e volta correndo*) – Mãe, mãe! É uma Bruxa horrível, com a cabeça debaixo do braço e um saco nas costas e está vindo pra cá!

MÃE – Ih, meu filho. Esconda-se logo debaixo da cama. (*Ao público*) Mas a Bruxa chegou até a porta e bateu: Pã, Pã, Pã!

Silêncio. Mãe e Piazim se entreolham, esperando. Pouco depois um barulho: PÃ, PÃ, PÃ! Muito alto, vindo das coxias. Ambos estremeceem.

E-e n-não t-teve o-outro j-jeito. A mãe do Piazim foi atender. “Boa tarde, minha senhora, o que deseja?”

BRUXA (*Aparece e gira o beliche, como uma porta que se abre. A bruxa é extremamente corcunda e sua cabeça – uma máscara – deve ser manipulada em vários locais: sob o braço, sobre o pescoço, sobre a cama, etc.*) – Boa tarde. Por acaso o Piazim está?

MÃE – Não, infelizmente, ele saiu. Foi até a floresta com o pai, ajudar a cortar lenha.

BRUXA – Que pena! Eu tenho aqui um livro com histórias de mim... Quero dizer histórias de bruxas! E eu queria tanto dar de presente pra ele! Pelo visto, vou ter que achar outro menino pra presentear...

PIAZIM (*Sai de baixo da cama*) – Oi, oi, aqui estou eu!

BRUXA – Que bom que você está aí, meu filho! Mas, sabe o que é? Hoje acordei com um reumatismo terrível nas juntas. Você não quer entrar aqui neste saco e pegar o livro você mesmo?

Piazim não pensa duas vezes e enfia-se saco adentro. Quando a Bruxa percebe que ele está todo dentro do saco, ela se esquece das dores, pega o saco, joga-o sobre o ombro.

BRUXA (*gira o beliche, como uma porta que se fecha.*)
(À mãe) – Passar bem!

LEÃO (*pega o livro do chão e continua a ler a história. À medida que narra, do beliche/teatro, o narrado acontece em primeiro plano*) – Mas era uma tarde quente. Os borrachudos zuniam por toda parte, o Piazim era bem pesadinho e a Bruxa tinha apenas um braço disponível para segurar o saco. Por isso, depois de andar tanto, resolveu se encostar num barranco, para descansar um pouco. E, não demorou muito, acabou cochilando. (*Bruxa passa a roncar muito alto. Leão passa a sussurrar*) Quando o Piazim percebeu a respiração regular da Bruxa, saiu do saco, enfiou lá dentro um outro saco (*Piazim pega um dos sacos com os bonecos*), e voltou correndo para a casa de seus pais. Daí a pouco, a Bruxa acordou. Percebeu que o tempo havia passado e, sem pensar noutra coisa, pegou de novo o saco e foi no trote, até chegar em casa, onde sua filha já estava com o caldeirão no fogo.

BRUXIXA – Onde você esteve todo esse tempo, mãe? A água que a senhora me mandou pôr pra ferver já secou quase toda!

BRUXA – Não tem problema. Coloque mais água e ponha também sal, pimenta, cebola, batata e cenoura. E um pouquinho de pimentão, pra ajudar na digestão!

LEÃO – Quando a água chegou ao ponto de fervura, a Bruxa pôs a cabeça na cama e, com as duas mãos livres, enfiou a mão dentro do saco, pegou Piazim e o despejou no caldeirão! Mas o que saiu do saco espalhou água fervente para tudo

quanto é canto, queimou as mãos e o rosto da Bruxixa (*Que está com a maquiagem borrada e grita: Ahhhh!*), apagou o fogo e só não fez mal à Bruxa porque ela havia deixado sua cabeça do outro lado da cozinha (*Mostra a cabeça, que está ao seu lado*).

Blecaute

CENA 18

Piazim senta no centro do palco e recomeça a ler seu livro.

MÃE – E passaram-se alguns dias. Mas, numa outra tarde, de grande mormaço, quando o pai do Piazim havia saído para caçar, a mãe do Piazim estava por ali, e o Piazim, como de costume, lendo seu livro de histórias de bruxas. De repente, ouviram o latido forte e zangado do cachorro (*o manipula*) – Au! Au! Au! (*Para Piazim*) – Vá lá fora ver o que está acontecendo, meu filho.

PIAZIM (*Espia atrás do beliche e volta correndo*) – Mãe, mãe! É aquela Bruxa horrível de novo, com a cabeça debaixo do braço e um saco nas costas e está vindo pra cá!

MÃE – Ih, meu filho! Esconda-se logo debaixo da cama. (*Ao público*) Mas a Bruxa chegou até a porta e bateu: Pã, Pã, Pã! (*Silêncio. Mãe e Piazim se entreolham. Um barulho PÃ, PÃ, PÃ! Muito alto, das coxias.*) E-e n-não t-teve o-outro j-jeito. A mãe do Piazim foi atender: “Boa tarde, minha senhora, o que deseja?”

BRUXA (*Gira o beliche/abre a porta*) – Boa tarde. Ops, voltei! Por acaso o Piazim está?

MÃE – Não, infelizmente. Ele saiu. Foi até a floresta com o pai, ajudar na caçada.

BRUXA – Que pena! Eu tenho aqui um livro com histórias de bruxas, melhor ainda do que o primeiro, e eu queria tanto dar de presente pra ele! Pelo visto, vou ter que achar outro menino pra presentear...

PIAZIM (*Sai de baixo da cama*) – Oi, oi, aqui estou eu!

BRUXA – Que bom que você está aí, meu filho! Mas, sabe o que é? Quando me levantei hoje, dei um mau jeito nas cadeiras. Você não quer entrar aqui neste saco e pegar o livro você mesmo?

Piazim não pensa duas vezes e enfia-se saco adentro. Quando a Bruxa percebe que ele está todo dentro do saco, ela se esquece das dores, pega o saco e joga-o sobre o ombro.

BRUXA (*Gira o beliche/ fecha a porta*). (À mãe:)*– Passar bem! (Sai).*

LEÃO (*Pega o livro do chão e continua a ler a história.*)
– Mas o calor da tarde, o zunido dos mosquitos e o peso do Piazim, que não havia emagrecido desde a última vez, tudo isso fez a Bruxa sentir-se sonolenta, cansada. E depois de um par de léguas, resolveu se encostar num barranco, para descansar um pouco. Não demorou muito, acabou cochilando. (*Bruxa passa a roncar, muito alto. Leão apenas observa a ação.*)

Pantomima – Piazim percebe a respiração regular da Bruxa, sai do saco, enfia lá dentro o outro saco com boneco, e corre para casa. Daí a pouco, a Bruxa acorda. Percebe que o tempo havia passado e, sem pensar em outra coisa, pega o saco e corre até sua casa, onde sua filha já está com o caldeirão no fogo.

BRUXIXA – Onde você esteve todo esse tempo, mãe? A água que a senhora me mandou pôr pra ferver já secou quase toda!

BRUXA – Não tem problema. Coloque mais água, e ponha também sal, pimenta, cebola, batata e cenoura. E um pouquinho de pimentão, pra ajudar na digestão!

LEÃO – Quando a água chegou ao ponto de fervura, a Bruxa pôs a cabeça na cama e, com as duas mãos livres, pegou no saco e despejou o Piazim no caldeirão! Mas o que saiu do saco espalhou água fervente para tudo quanto é canto, queimou as mãos e o rosto da Bruxixa (*Que está com a maquiagem borrada e grita: Ahhhh!*), apagou o fogo e só não fez mal à Bruxa porque ela havia deixado sua cabeça do outro lado da cozinha.

LEÃO *manipula a cabeça da BRUXA (furiosa)* – Ah! Eu juro que no próximo capítulo desta história o Piazim não escapa! (*Gargalha*).

Blecaute

CENA 19

Piazim senta no centro do palco e recomeça a ler seu livro.

MÃE – E passaram-se mais alguns dias, parece até que pouco mais de uma semana. Foi numa outra tarde, em que o verão parecia estar dando seu último suspiro de maior calor, e o pai do Piazim havia saído para a floresta para colher frutos silvestres, a mãe do Piazim estava por ali, e o Piazim, para variar, se deliciando com seu livro de histórias de bruxas. (*Cachorro*) – Au! Au! Au! (*para Piazim*) – Vá lá fora, meu filho, e veja o que está acontecendo.

PIAZIM (*espia atrás do beliche e volta correndo*) – Mãe, mãe! É aquela Bruxa horrível de novo, com a cabeça debaixo do braço e um saco nas costas!

MÃE – Ih, meu filho! Esconda-se logo debaixo da cama. (*Ao público:*) Mas a Bruxa chegou até a porta e bateu: Pã, Pã, Pã! (*Silêncio. Mãe e Piazim se entreolham. PÃ, PÃ, PÃ! muito alto*) E-e n-não t-teve o-outro j-jeito: A mãe do Piazim foi atender: “Boa tarde, minha senhora, o que deseja?”

BRUXA (*gira o beliche/abre a porta*) – Boa tarde. Olha só eu aqui de novo! Por acaso o Piazim está?

MÃE – Não, infelizmente. Ele saiu. Foi até a floresta com o pai, ajudar a colher frutos silvestres.

BRUXA – Que pena! Eu tenho aqui um livro com histórias de bruxas que nem se fala de tão melhor que o livro que ele está lendo agora; e eu queria tanto dar de presente pra ele! Pelo visto, vou ter que achar outro menino pra presentear.

PIAZIM (*sai de baixo da cama*) – Oi, oi, aqui estou eu!

BRUXA – Que bom que você está aí, meu filho! Mas, sabe o que é? Acordei hoje com...

PIAZIM – Um reumatismo terrível nas juntas? Um mau jeito nas cadeiras?

BRUXA – Os dois ao mesmo tempo! Por isso, você não quer entrar aqui neste saco e pegar o livro você mesmo?

Piazim não pensa duas vezes e enfia-se saco adentro. Quando a Bruxa percebe que ele está todo dentro do saco, ela se esquece das dores, pega o saco e joga-o sobre o ombro. E subitamente pega o livro do chão, e também o esconde no saco.

BRUXA (*gira o beliche/ fecha a porta*). (À mãe:) – Passar bem! (*Sai*).

LEÃO (*vai até o local do livro, não o encontra, e resolve continuar a narrar assim mesmo*) – Mas era uma tarde quente. As muriçocas zuniam por toda parte, e o Piazim continuava crescendo, e a Bruxa tinha apenas um braço disponível para segurar o saco. Por isso, depois de andar um bocado, resolveu se encostar num barranco, para descansar um pouco. E, não demorou muito, acabou cochilando.

BRUXA (*Com um grito, levanta-se bruscamente*) – Que nada! Aqui é que a história perde o rumo. Agora é que a porca torce o rabo, a vaca vai pro brejo, a cobra vai fumar, e o bicho vai pegar! (*Gargalha*)

LEÃO – O quê?!

BRUXA (*mostra o livro*) – O que é do homem o bicho não come? Veremos!

LEÃO – Mas isso não é possível!

BRUXA – É sim! Quem manda daqui pra frente sou eu! Há tempos você fica se divertindo às minhas custas, mudando o rumo na última hora, no último segundo! Mas eu pensava: “Espere só, engraçadinho! Um dia você ainda vai se distrair e, nesse dia, eu é que vou me divertir...”. E agora, pronto! Aconteceu!

LEÃO (*Cai de joelhos a implorar*) – Piedade, minha senhora! Não faça mal ao Piazim! Não quis ofendê-la! Gosto muito de bruxas! Tenho ótimas amigas bruxas! Minha mãe

mesmo, coitada, era bruxa! Se não estivesse morta ela poderia lhe dizer...

BRUXA – Tatatá! Não quero ouvir mais nada! (*joga um pó sobre o livro e o entrega a Leão*) Vamos, continue a contar MINHA história. Coragem, querido, agora você já pode voltar a ler...

LEÃO (*lê, desesperado e confuso*) – Não... deixe-me ver... dessa vez ela não ia se deixar enganar e, apesar do calor e do peso do Piazim, foi num trote só, por entre atalhos e caminhos pedregosos, até chegar à sua casa...

BRUXA – E dessa vez ele não conseguiu escapar! Leia aí!

LEÃO (*olha para o livro e depois para o público*) – E dessa vez ele não conseguiu escapar!

Bruxa sai dançando e gargalhando.

CENA 20

LEÃO (*sozinho em cena, fecha o livro*) – Uma nota pra o público: esta boa e velha história de bruxas é minha. Eu sou o autor. Inventei um título de que me orgulho porque fica parecendo que é poesia – o que é bom –, mas não é – o que é melhor. Fui eu que inventei a história e todos os personagens – inclusive a Bruxa que, pelo que estou vendo, faz o que bem entende – e tenho que confessar, isso realmente me deixa frustrado. O que é bom nesse negócio de ser escritor é que a gente sabe tudo o que vai acontecer antes que aconteça. Na vida real, não se consegue ter certeza sobre o que vai acontecer daqui a cinco minutos; mas no seu próprio livro, você tem o controle que na vida real é impossível. E é por isso que pessoas como eu resolvem ser escritores em vez de, digamos, presidente. Porque nem mesmo o presidente sabe o que um escritor sabe, ou seja, o que vai acontecer em seguida.

Mas aí chega essa Bruxa e, para começar, não faz o que deve na hora em que deveria, e depois deixa a Bruxixa sozinha para preparar um delicioso ensopado de Piazim. Sim, é isso que acontece em seguida. Eu sei, porque planejei que acontecesse assim. Não propriamente que a Bruxa não deixasse o Piazim escapar, mas que ele conseguisse enganar ela de novo. E teria sido assim se, a partir de agora, a Bruxa não achasse que é ela quem controla a história. Ah! Que raiva! De qualquer modo, eu simplesmente precisava fazer esta pausa para desabafar. E não se preocupem. Continuo, para todos os efeitos, com o controle desta história; e ela deverá seguir o mais direitinho possível o caminho planejado por mim. Mas um último aviso: cuidado com essa Bruxa. Não confiem nela! E se vocês toparem com ela em qualquer lugar fora desta história, não contem para ela que eu disse isso. Obrigado. Passemos à próxima cena.

CENA 21

LEÃO (*Lentamente abre o livro, muda de página, engole em seco e continua lendo*) – Lá chegando, a Bruxa largou o saco com o Piazim num canto da cozinha.

BRUXIXA – Onde você esteve todo esse tempo, mãe? A água que a senhora me mandou pôr pra ferver já secou quase toda!

BRUXA – Não tem problema. Coloque mais água, e ponha também sal, pimenta, cebola, batata e cenoura. E um pouquinho de pimentão, pra ajudar na digestão! Vou agora me arrumar pra ir ao shopping e, enquanto eu estiver fora, você me prepare um bom ensopado de Piazim, do jeito que eu te ensinei. (*Coloca um xale nos ombros, uma flor no chapéu, passa demoradamente um batom chamativo, gira o beliche/ fecha a porta, e sai*) Ti-au.

CENA 22

LEÃO (*continua lendo*) – Quando a água do caldeirão já estava fervendo e a Bruxixa já havia colocado os ingredientes, ela abriu o saco; e lá estava o Piazim, sentado, bem quietinho (*deixa o livro sobre a cama e observa a cena*).

Bruxixa, aparvalhada, fica apenas olhando para Piazim.

PIAZIM – O que é que foi? Por que você está me olhando assim?

BRUXIXA – É que eu tenho que fazer ensopado de você. E não sei exatamente por onde começar...

PIAZIM – Ora, mas isso é muito fácil! Quer que eu te mostre?

BRUXIXA – Quero, quero sim.

PIAZIM – Em primeiro lugar, para se preparar um bom ensopado é necessário um bom pedaço de carne fresca. Onde está?

BRUXIXA – O quê?

PIAZIM – A carne!

BRUXIXA – Ora, é você!

PIAZIM – Eu? Hum... é... bem, gosto é para não se discutir. Mas, antes de me ensopar, preciso estar temperado. Diga: eu já estou temperado?

BRUXIXA (*prova-o com um dedo que leva à boca*) – Hum... Não, acho que não.

PIAZIM – O que tem nesse caldo? Sal? Pimenta?

BRUXIXA – E batata, e cebola, e cenoura, e um pouquinho de pimentão, pra ajudar na digestão!

PIAZIM – Hum, vai ficar delicioso, mas falta algo.

BRUXIXA – Hum... você?

PIAZIM – Sim, é claro, mas ainda não.

BRUXIXA – Hum... o que será então? Manjerona? Açafão? Alecrim? Manjeriço?

PIAZIM – Hum... isso é muito bom, mas não... Onde está? Ah! Aqui! Esta é uma especiaria rara – um xarope maravilhoso que deixa a carne molinha, relaxada e sonolenta.

BRUXIXA – É?

PIAZIM – É. Tiro e queda. Quer que eu tome?

BRUXIXA (*apalpa-o*) – Vai deixar a carne mais macia?

PIAZIM – Sem dúvida.

BRUXIXA – Então sim, tome, por favor.

PIAZIM (*toma o xarope para dormir*) – Hummm... que delícia! Vou tomar mais uma colherada...

BRUXIXA (*apalpa-o de novo*) – É tão bom assim?

PIAZIM – Ô!

BRUXIXA – É... deixe um pouquinho para mim também...

PIAZIM – Tome uma colherada (*dá a colherada a ela, que vai até a cama e adormece imediatamente*) e o resto, eu boto no caldeirão...

Após esvaziar o frasco, Piazim vai até a cama, deita-se ao lado de Bruxixa, e adormece com o livro sobre o peito.

Blecaute Rápido

CENA 23

Piazim, já no sonho, vestido de anjo. Luz sobe em fade. Projeções oníricas, imagens de flores. Depois estrelas. Risos de criança. Brincadeiras e jogos, muitos garotos, correndo em várias direções, todos vestidos como Piazim e, dessa vez, usam asinhas de anjo também. Bruxixa, também sonhando, brinca com os meninos.

Bruxa está de volta. Cantando, gira o beliche/ abre a porta.

BRUXA (*cheirando o ar*) – Bruxixa, voltei... Minha filha, onde você está? Hum... que cheirinho bom de ensopado de Piazim!

PIAZIM – (*de cima do beliche, sussurra*) – Que cheirinho bom que não é de ensopado de Piazim!

A Bruxa olha ao redor, mas como tudo parece em ordem, volta-se ao caldeirão, destampa-o e pegando uma colher de pau de sua cintura, experimenta o caldo.

BRUXA (*tomando a colherada*) – Hum... que ensopado delicioso de Piazim! (*boceja*).

PIAZIM (*sussurra*) – Que ensopado delicioso que não é de Piazim!

A Bruxa olha ao redor, vê a Bruxixa na cama e se tranquiliza. Passa a bocejar mais e mais.

BRUXA (*tomando mais colheradas*) – Ora, ora. Ela resolveu descansar? Sem minha licença? Se é assim, azar! Vou comer a parte dela!

Toma uma colherada atrás da outra. E cai. E dorme. E ronca. E sonha.

Blecaute Rápido.

SONHO (PLANO DE LUZ 2)

CENA 24

Começam a se projetar imagens de flores. Depois estrelas. Risos de criança. Brincadeiras e jogos, muitos garotos, correndo em várias direções, todos eles vestidos como Piaxim e, dessa vez, usam asinhas de anjo também. A Bruxa se levanta, usando também o capacete de escafandro e tenta de qualquer maneira pegar os meninos, Piaxim ri, vendo tudo da parte de cima do beliche.

BRUXA – Ah! Então você está aqui, seu sem-vergonha! E eu que tinha achado o ensopado delicioso! Espere só um pouco!

(Vai até a cama e acorda Bruxixa. Ela se levanta, vestida como marciana. As duas tentam alcançar Piaxim no alto do beliche. Giram freneticamente o beliche e depois tentam pegá-lo com suas vassouras, até que, por fim, desistem).

BRUXA (tomando o livro em suas mãos) – Ah, eu estou muito velha pra isso. Cansei.

BRUXIXA – Eu também cansei.

BRUXA – Preciso me aposentar. Por mim esta história acaba agora mesmo. Onde é que se enfiou aquele escritor? Escritor? Você tá por aí? Hum... ele se foi. Bem, como agora sou eu que estou no controle, eu decido que esta boa e velha história de bruxa acaba agora mesmo!

BRUXIXA – Muito bem, mamãe!

PIAZIM – Você não tem o direito de fazer isso!

BRUXA – Antes todas as crianças tinham o direito de se assustar com uma boa e velha história de bruxa, mas os tempos são outros.

BRUXIXA – Assim que se fala, mamãe!

PIAZIM – Não... por favor!

BRUXA – E hoje em dia, já que quase ninguém conhece nossas histórias ou lê nossos livros, ninguém sentirá nossa falta mesmo!

BRUXIXA – Belo discurso, mamãe!

PIAZIM – Isso não é verdade! Eu adoro uma boa e velha história de bruxa!

BRUXA – Ah! Você, seu malcriado?! Mesmo agora no meio deste sonho, prefere correr o risco de acordar e não conseguir mais dormir a noite toda?!

PIAZIM – É!

BRUXA – Seu espertinho! Por acaso agora está tentando me convencer que está gostando deste pesadelo, digo, desta história de Bruxa?

PIAZIM – Desta e das outras. Vou ler todas, do começo ao fim, tim tim por tim tim!

BRUXA – Ah é, seu pestinha?! Mas se for assim, eu não vou ter mais descanso...

PIAZIM – Pois é isso mesmo. Tomei uma decisão: nunca mais vou deixar de ler histórias de bruxas!

BRUXA – Nunca mais vai deixar de ler histórias de bruxas?

PIAZIM – Nunca mais.

BRUXA – Jura?

PIAZIM – Juro!

BRUXA – Verdade?

PIAZIM – Verdade!

BRUXA – Pro resto da vida?

PIAZIM – Pro resto da vida!

BRUXA – Jura mesmo?

PIAZIM – Juro!

BRUXA – Ah, então é pra valer, né? Puxa vida, hein? O que é que custa? Por favor...

PIAZIM – Na-na-ni-na-não!

BRUXA – Então, já que é assim, vá... vá... vá pro diabo.

PIAZIM – Em primeiro lugar, não é certo dizer “pro diabo”.

BRUXA – Como é que se diz, então?

PIAZIM – “Ao diabo”, “Ao farmacêutico”, “Ao teatro”...

BRUXA – Tatatá! Não quero ouvir mais nada! Se é assim, vá ao diabo e fique por lá!

BRUXIXA – Ao diabo... ao diabo? Ao diabo! De fato, mamãe, até que não é má ideia! Lá o Piazim não vai nos incomodar!

INFERNO (PLANO DE LUZ 3)

CENA 25

Conforme andam, são acompanhadas pelo beliche que também gira e para, com seu lado oculto voltado para o público. Piazim sobre o beliche, observando tudo.

DIABINHO (*para Bruxixa*) – Com sua licença, senhora...

BRUXIXA – O que foi, garotinho? Ainda acordado, a esta hora?

DIABINHO – Me esclareça: o que veio fazer aqui?

BRUXIXA (*olhando melhor*) – Não! Não! Piedade, Piedade! Juro que não faço mais!

DIABINHO – O que é que a senhora não faz mais?

Bruxixa cai desmaiada e desaparece numa nuvem de fumaça.

DIABINHO – Puxa, me desculpe!

PIAZIM (*ao público*) – É... acho que no susto, ela acordou!

DIABINHO (*para Bruxa*) – Com sua licença, senhora, me esclareça: o que veio fazer aqui?

BRUXA – É... hum... me mandaram pra cá. Sendo assim, eu vim me hospedar.

DIABINHO (*dá uma senha*) – Guichê número três.

BRUXA – Obrigado.

DIABINHO – De nada!

BRUXA – (*para o público*) No guichê havia fila. Precisei esperar uma ou duas horas. Um absurdo! Este lugar é tão interessante quanto outro qualquer. Não digo que este seja o pior lugar em que já estive, mas eu sou franca e devo dizer que não! Este lugar não engana ninguém! Ninguém pode se deixar iludir pensando nisso aqui como num lugar de primeira ordem.

DIABO – Ora, minha senhora, por favor, não faça um escândalo. Eu garanto que não há qualquer necessidade de...

BRUXA – Humpf! Você não é o único que tem necessidades...

DIABO – É que como diabo e administrador deste local...

BRUXA (*em tom de desafio*) – Acho que está mentindo.

DIABO – Mas eu sou o diabo.

BRUXA – Você, o diabo? Eu bem sei que você não é.

DIABO – Sim, sou um diabo com pós-graduação...

BRUXA – Você não é diabo coisa nenhuma.

DIABO – Sou, fique sabendo. (*Bruxa ri*). Do que você está rindo?

BRUXA – Ri da ideia ridícula de que você possa ser um diabo. Foi por isso que eu ri. E não fique pensando que tenha sido por nenhuma outra razão.

DIABO – Nunca vi ninguém que gostasse tanto de discutir.

BRUXA – Não se trata de discutir. O que eu sou é franca, só isso. Nasci sem nada de especial e fui criada dizendo as coisas como são. Se tivesse nascido bonita, poderia me impor na vida sem ser franca, mas não nasci assim, e não posso e não vou ser de outro jeito.

DIABO – Pra dizer a verdade, você até que é... hum... bonita.

BRUXA – Sou um tipo comum e não me venha dizer outra coisa. (*Olha-o silenciosamente – depois, num tom mais suave*) Há vezes em que uma certa luz pode me tornar bonita. Deixe-me ver. (*Olha ao redor, olha sua sombra*) É, numa hora assim como esta, um certo tipo de luz parecido costuma me deixar mais ou menos bonita. Bonita, quero dizer, na medida em que eu posso ser... quase. Não exatamente. Beirando. Pronto, já a luz se foi. Tudo bem, agora volto à minha aparência de sempre. Comum.

DIABO (*olha para o público, porque não notou nenhuma diferença*) – Acho que você tem uma aparência física perfeitamente razoável.

BRUXA – Não gosto de discutir minha aparência física. Você acha que eu tenho uma aparência física perfeitamente razoável?

DIABO – Digo isso sem a menor dúvida.

BRUXA – Não me acha um tipo comum?

DIABO – É a última coisa que eu diria pra definir você. Perfeitamente razoável estaria perfeito.

BRUXA – Não sei se ficaria melhor eu ser autenticamente comum em vez de apenas perfeitamente razoável.

DIABO – Digo perfeitamente razoável de uma vez por todas!

BRUXA – Jura?

DIABO – Juro!

BRUXA – Verdade?

DIABO – Verdade!

BRUXA – Pro resto da vida?

DIABO – Pro resto da vida!

BRUXA – Jura mesmo?

DIABO – Juro!

BRUXA – Ah, então é pra valer, né? Puxa vida, hein?

(Ambos vão ao beliche, se fazendo cócegas e rindo; entram e fecham as cortinas)

PIAZIM *(curioso, vai espiar e abre as cortinas ao que vê a ambos brincando de bate-palminha)* – Ih, eu sei quando estou sobrando: vou tomar o xarope de acordar antes que isso aqui vire um pesadelo... mas, coitada da bruxa, e se ela quiser parar de sonhar? Bem vou deixar o xarope por aqui caso ela queira acordar. *(Toma o xarope e some).*

COTIDIANO *(PLANO DE LUZ 1)*

CENA 26

Enquanto Leão vai contando, com o livro em suas mãos, Piazim muda de posição na cama; essas ações são delimitadas por rápidos blecautes.

LEÃO – Durante um dia ou dois, Piazim viveu completamente feliz. Que calma! Que sossego! Porém, ao fim de alguns dias percebeu alguns inconvenientes. Nada tinha a mesma cor, nem a mesma música, nem o mesmo sabor... E se a história simplesmente terminasse assim? Bem, todo mundo sabe que as crianças entendem tudo. Se eu tivesse certeza de que esta peça seria vista só por crianças, nem me passaria pela cabeça fazer este comentário. Mas... e se, talvez, as páginas finais do livro ainda estivessem em branco?

Piazim olha admirado e surpreso para Leão e depois para o livro. Desce do beliche e vai novamente até o centro do palco. Lentamente abre o livro, muda de página, engole em seco e lê. Simultaneamente o beliche é girado e transformado em um pequeno teatro, com as cortinas abertas.

HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA (PLANO DE LUZ 4)

CENA 27

À medida que o beliche gira, aparece como que passando por uma porta, o Diabo – antes azul, agora completamente branco, abrindo os braços e caindo de joelhos:

DIABO – Obrigado por ter me tirado daquele inferno! Imagine que há dias uma mulher foi para lá, uma mulher terrível, pavorosa, uma verdadeira bruxa, que nos faz passar raiva dia e noite! Eu, que até então era de um lindo azul, veja só, fiquei todo branco! Dá pra acreditar? Mas como dizem por aí, enquanto há vida, há esperança... e quando a gente tem saúde... e agora não sei por onde começar...

PIAZIM – Peraí: isso faz parte da história?

DIABO – Claro que faz parte. Que pergunta é essa? Então, como dizia, estávamos nos dando às mil maravilhas até que, sem aviso, um dia ela chegou até mim e disse assim...

CENA 28

BRUXA (*aparece sobre o beliche, com lenço e bobs no cabelo, avental*) – Isso aqui está parecendo um verdadeiro inferno! Então é assim: o escritor e o Piazim ajeitam tudo entre eles, sem pedir minha opinião, sem querer saber o que eu penso... se pelo menos eles soubessem o que querem! Mas que nada! Está no sonho, depois está no inferno, depois está acordado de novo, assim, sem mais nem menos... Pois bem, a partir de hoje não acredito em mais ninguém e vou fazer o que me der na cabeça!

DIABO – A partir de então ela passou a dizer, a fazer e a pensar tudo ao contrário do que eu queria. Quer um exemplo? Branco.

BRUXA – Preto!

DIABO – Preto.

BRUXA – Branco, é claro!

DIABO – Vermelho...

BRUXA – Verde!

DIABO – Se por acaso eu disser azul, não pense que ela dirá amarelo ou cor-de-rosa, não!

BRUXA – Alaranjado!

DIABO – Tá vendo? Sempre o contrário! E não é só isso! Para todo o resto, é sempre assim! Se eu quero fritura, ela faz assado. Quando eu quero carne, ela faz peixe. Se eu peço uma camisa, ela me dá uma cueca. Se eu quero salame, ela me dá uma banana. Um pesadelo! Um belo dia, me sentindo um pobre diabo, decidi: (*para a Bruxa*) – Fique na cama. Eu vou me levantar.

Bruxa se levanta.

DIABO – Não se vista, vá se deitar!

Bruxa coloca o xale nos ombros, uma flor no chapéu, e passa seu batom chamativo.

DIABO – Agora: faça-me o favor de não trazer esse frasco de xarope até aqui!

Bruxa vai até ele e entrega o frasco.

DIABO – Não coloque, de jeito nenhum, o xarope de acordar em uma colher!

Bruxa coloca o xarope na colher de pau.

DIABO – E por último, não me dê, em hipótese alguma, essa colherada de xarope... Ah! E o mais importante: desta vez, não faça aviãozinho!

Bruxa faz aviãozinho.

DIABO – E Puf! Aqui estou eu. (*Começa a assoviar uma musiqueta, olhando ao redor*). E que lugar legal este aqui. Esta história, hein? Puxa! Até eu apareci. Então: já que nem o escritor e nem a bruxa estão por aí e não tem mais ninguém controlando esta história, estou pensando em ir ficando por aqui mesmo...

CENA 29

PIAZIM (*pisca o olho para a plateia e fala ao Diabo em voz baixa, mostrando-lhe o livro*)

– Espere um pouquinho. Eu tenho que explicar. Todo mundo sabe que eu adoro uma boa e velha história de bruxa. E eu abri o livro justamente para ver se, por acaso, ela ia aparecer de novo por aqui...

DIABO – A Bruxa? Por aqui? Mas ela não ficou naquele sonho, digo, pesadelo?

PIAZIM – Não! E foi por culpa minha, fui muito descuidado. Imagine que, quando fui abrir o livro, por acaso, sem pensar, eu disse assim, em voz alta: “Que bom que você não está aí dentro, minha velha. Pode ficar lá onde quer que você esteja!”, mas você sabe como ela é do contra. Bastou eu pronunciar essas palavras para ela aparecer imediatamente!

DIABO – Oh! Por favor! Não me diga uma coisa dessa! E depois?

PIAZIM – Ela estava furiosa, primeiro comigo, porque a larguei no meio da história, mas também com você...

BRUXA (*sobre o beliche*) – Foi por causa daquele diabo que você me largou nesse buraco? Muito bem, pois agora me leve até ele, pois tenho umas coisinhas para lhe dizer! Depois nós dois é que vamos acertar nossas contas!

DIABO – E-e o-o q-que foi que você respondeu?

PIAZIM – Quis recusar, é claro, mas você a conhece. Agora ela está aí atrás e quer porque quer falar com você...

O Diabo fica desesperado e desaparece, junto com a Bruxa, numa nuvem de fumaça, justo na hora em que Piazim fecha o Livro.

PIAZIM – E assim a gente pode entender por que o inferno deve ser mesmo um lugar pavoroso!

CENA 30

PIAZIM (*com o livro nas mãos, vai ao beliche/teatro onde Leão está lidando com os bonecos do leopardo, do macaco e do velho cão*) – Senhor Leão, por favor!

LEÃO – Pois não? Piazim! O que você quer? Não me diga que, depois de tudo, veio me pedir uma boa e velha história de bruxa...

PIAZIM – Não. Vim lhe agradecer!

LEÃO – Agradecer o quê?

PIAZIM – Por ter me mandado ler aquele livro de História de Bruxas!

LEÃO – Faz tempo que você terminou?

PIAZIM – Não, acabei de chegar, quer dizer, terminei de ler agorinha mesmo!

LEÃO – E que tal? É bom? Como termina a história?

PIAZIM – Bem, no final...

LEÃO – Conte, por favor, eu não fiquei até o final da história para saber...

PIAZIM – Então no final, a história...

LEÃO – Como ficou? Conte-me, por favor!

PIAZIM (*com um sorriso maldoso*) – Não posso, estou com um reumatismo terrível nas juntas!

LEÃO – Hum, sei... está me achando muito insistente?

PIAZIM – É isso, exatamente!

LEÃO – Ora! Por favor!

PIAZIM – Não posso! Dei um mau jeito nas cadeiras. Que dor!

LEÃO – Está dizendo isso de pura maldade!

PIAZIM – É verdade!

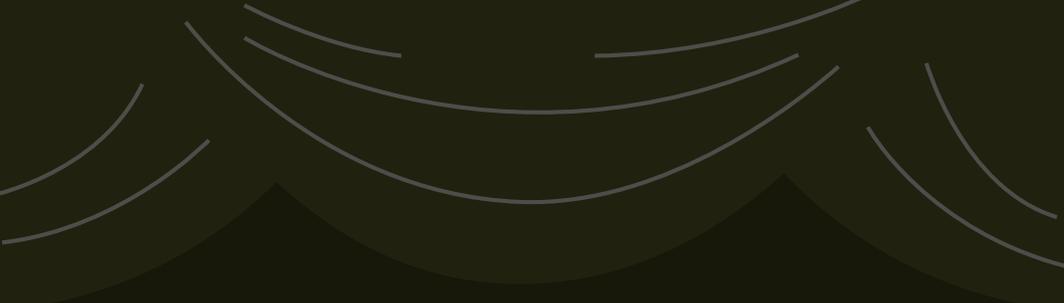
LEÃO – Conte, conte! É um pedido de amigo!

PIAZIM – Não é possível! Estou... estou, estou com dor no umbigo! (*vai para trás do beliche*)

LEÃO (*vindo para a boca da cena*) – E dizendo isso, ele foi embora. Não gostei nada dessa atitude! Depois de tudo o que fiz por ele! Depois fiquei sabendo que Piazim abriu uma loja bem ao lado da farmácia. A loja se chama “Histórias de Bruxas”. (*Piazim fixa o letreiro “Histórias de Bruxas” na parte de cima do beliche*). A qualquer hora do dia, faz fila na porta a freguesia. E quem entra tem direito a uma história. Mas, quando me vê chegar, Piazim, com ar de vitória, inventa uma dor em algum lugar!

SOBRE O AUTOR

Leandro Borgonha é ator e diretor teatral, além de um apaixonado pelos bonecos e por toda forma de contação de histórias. Continua a reverenciar como principal inspiração de seu fazer teatral, o seu mentor – e saudoso amigo – Hugo Mengarelli.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL

SINOPSE

Do que são feitos os sonhos? E as histórias? Sempre pensei se sonhos e histórias são – ou não – a mesma coisa. Contos de Fadas são o que são: sonho e ao mesmo tempo história. Sempre assim os senti. E a eles volto para escrever sonhos e contar histórias.

O AUTOR

Leandro Borgonha é ator e diretor teatral, além de um apaixonado pelos bonecos e por toda forma de contação de histórias. Continua a reverenciar como principal inspiração de seu fazer teatral, o seu mentor – e saudoso amigo – Hugo Mengarelli.

ISBN: 978-85-85063-24-5

